

30 ANOS DO PROGRAMA LEADER

MINHA TERRA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE
ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO LOCAL



HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL NA 1ª. PESSOA

JOSÉ COUTINHO
LEADER OESTE



Um contributo pessoal dos rostos do Movimento...

a perspetiva do Coordenador de uma Associação de Desenvolvimento Local...

Diria que o desenvolvimento local surge naturalmente no quotidiano dos coordenadores. Grande parte dos coordenadores em Portugal teve formação específica nesta área ainda fase escolar. Outros aprenderam com parceiros mais experimentados. Outros ainda experimentaram, e ganharam-lhe o gosto. Diria que o quotidiano destes personagens moldou os próprios a serem o que são.

Os coordenadores são peças centrais nos processos de desenvolvimento local em Portugal. O seu papel assume contornos multifacetados uma vez que não se resume a aspetos administrativos, técnicos ou políticos, sendo antes do mais uma mistura complexa e variável de todos.

O papel destes agentes é raras vezes colocado num plano de relevância e neste sentido, o autor destas linhas, decidiu identificar estes colegas como figuras de relevo no processo de desenvolvimento local.

De fato, estas pessoas, homens e maioritariamente mulheres, não assumem o protagonismo típico dos lugares com algum poder, nem assumem a charneira do destaque na visibilidade e no glamour do sucesso, nem estão expectantes do ganho pessoal resultante de um qualquer apoio neste ou naquele processo. O seu protagonismo é um brilho individual e pessoal que se faz pelo avanço do devir social da sua região, do seu território, que conhece como poucos.

Estas características próprias dos coordenadores são reconhecidas nas redes onde atuam, na filigrana dos meios rurais, mas raramente passa para o palco do centro das atenções.

O seu papel é assim um dedo invisível, fundamental no sucesso dos processos de desenvolvimento, sem o qual dificilmente haveria o mesmo resultado que se conhece em cada região onde atuam os GAL - Grupos de Ação Local.



O LEADER é indissociável do conceito de desenvolvimento. Esta afirmação decorre do fato deste programa ser o resultado de uma reflexão construída com suporte teórico e estruturado nos 7 princípios Leader, eles próprios pilares do conceito. Esta interligação confere ao Leader as suas características base e a sua identidade.

De fato, sendo uma abordagem e um método, não deve ser tratado como um programa propriamente dito, mas sim como uma filosofia e um processo contínuo, cuja medida extravasa as medidas estabelecidas e as metas consagradas nas avaliações.

O resultado do Leader verifica-se num período mais longo, quando produz mudança. Esta mudança, inequívoca nos projetos maioritariamente bem-sucedidos no âmbito do programa propriamente dito, é também a sua maior fragilidade. O Leader necessita de tempo e o tempo está balizado pela programação cujas balizas normalmente não coincidem. A mudança que o Leader tem introduzido nas políticas de desenvolvimento rural, as várias escalas de planeamento, é refém da sua necessidade de ser executado de forma integral onde a dimensão tempo carece de ajustamento. O ajustamento temporal, quase sempre colide com o imperativo programático de calendários que quase sempre não acolhem o tempo certo para cada ator e cada território.

Um momento significativo, que julgo ser comum a qualquer coordenador, será o primeiro onde se comprove que o trabalho de desenvolvimento local funciona e produz resultados inequívocos.

De fato, a concretização de uma ideia, a sua materialização num projeto, a sua inscrição numa estratégia regional, a sua execução material, a sua implementação efetiva e a sua perenidade bem-sucedida, num ciclo virtuoso de complexos 'recambiantes', entre uma multiplicidade de intervenientes, que dão vida ao território, e o prolongam muito além dos processos formalmente exigidos, será claramente um dos momentos marcantes e especiais generalizáveis, nestas andanças.



Inspirações?

Julgo que a AEIDL, the European Association for Information on Local Development, teve um papel estruturante no Quadro Comunitário de Apoio QCA II, e em particular durante o período do Leader II, no qual contribuiu de forma positiva para a construção de um quadro conceptual a partir do qual os GAL puderam receber informação base nas áreas de trabalho e de projeto que vieram a ser denominadas como tipicamente Leader. De fato, o conjunto de eventos, de formações, de colóquios e de material editado, produzido nesse período foi marcante para o movimento, cuja juventude carecia de referenciais simples, mas bem fundamentados, sobre os caminhos possíveis de percorrer no desenvolvimento local em meio rural.

Haverá ainda vários momentos marcantes neste percurso, no entanto julgo que os sucessivos executivos da DGADR - Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural souberam apropriar-se do programa Leader, nas suas diversas gerações, conferindo-lhe um modelo de governação adequado à sua exigência e tornando Portugal num bom exemplo europeu de moderação entre a partilha de responsabilidade entre a administração e a sociedade organizada.